

“A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores” (Karl Marx)

Pela reconstrução
da 4ª Internacional

Lula: proíba as demissões!



Um primeiro aviso dos trabalhadores: pressão da base obriga centrais sindicais a realizar ato unificado

Construir a Greve Geral

Lula agora diz que a “marolinha” virou “tempestade” e, ao contrário do que tenta mostrar o governo, o desemprego continua aumentando (ver pág. 3).

As montadoras continuam propondo PDV (Plano de Demissões Voluntárias). Além das demissões na Embraer (4.270), Vale (1.300), CSN (1.200), Flextronic (2.200), Santander (400), LG (400) e muitas outras, ainda houve o Frigorífico Independência – um dos maiores exportadores de carne do Brasil – que fechou todas as suas unidades!

Os sindicatos estão se deparando com centenas e centenas de homologações todos os dias! Desde que foi apresentada na reunião da Direção da CUT de Dezembro passado, a proposta de exigir de Lula uma Medida Provisória que proíba as demissões vem ganhando força (ver págs. 6 e 7).

Mas a direção da CUT precisa assumir suas responsabilidades! **Pág. 13**

Lula é “o cara” do Obama



Porque para Obama e o imperialismo dos EUA, Lula é “o cara”. **Pág. 3**

Debate no PT: Virar à esquerda!



Plenárias de apresentação da tese para o PT: “Virar à esquerda! Reatar com o socialismo!”. **Pág. 12**

G-20: O impasse do imperialismo



Chefes de Estado das 20 maiores economias do Mundo não sabem o que fazer diante da crise. **Págs. 8 e 9**

EDITORIAL: Chegou a nossa hora! No Brasil trabalhadores retomam mobilizações

Pág. 2

Brasil: Já começou a recuperação econômica?

Págs. 10 e 11

Há 45 anos a imprensa comemorava o golpe militar

Págs. 18 e 19

QUEM SOMOS E PELO QUE LUTAMOS?



A Esquerda Marxista é uma organização política que luta pelo socialismo. Somos a seção brasileira da Corrente Marxista Internacional - CMI, presente em mais de 30 países. Estamos ao lado dos trabalhadores e da juventude em suas batalhas do dia-a-dia rumo à sua emancipação. Juntos com os trabalhadores, ocupamos fábricas (Cipla, Interfibra, Flaskô e tantas outras). Na defesa dos postos de trabalho e direitos, desde 2002 construímos o Movimento das Fábricas Ocupadas na luta pela estatização sob controle operário, resistindo aos duros golpes, como a intervenção a mando do governo federal na Cipla e Interfibra.

Estamos com os trabalhadores rurais sem-terra e os sem-teto nas lutas por terra e moradia. Estamos nos sindicatos, na CUT, combatendo pelas reivindicações dos trabalhadores, contra os pelegos e os divisionistas. Impulsionamos o Movimento Negro Socialista, que tem papel destacado na luta contra o racismo e o racialismo – contra a divisão do povo trabalhador brasileiro em “raças”. E com a Juventude Revolução – organização de jovens da EM – estamos na luta da juventude por seus direitos e por um futuro digno; organizando a luta pelo passe-livre e por vagas para todos nas universidades públicas.

Somos uma corrente do Partido dos Trabalhadores, uma corrente que não se furta a combater a coalizão de Lula com a burguesia e a degeneração do partido, dessa forma nos ligamos aos milhares de petistas que continuam fiéis à sua classe e que não se esqueceram dos motivos pelos quais o PT foi fundado.

Chegou a nossa hora!

No Brasil, trabalhadores retomam mobilizações



Químico aposentado segura cartaz durante manifestação na Av. Paulista em 30 de Março

Os capitalistas não sabem mais para onde correr diante da brutal crise econômica que se espalha pelo mundo. Obama anuncia um pacote de US\$ 1 trilhão para extrair os ativos podres dos bancos. Os países do G-20 (grupo que reúne as principais economias do mundo) anunciam que vão arrecadar entre seus membros de US\$ 1,1 trilhão a US\$ 5 trilhões para injetar na economia. Na verdade, mais dinheiro para banqueiros, especuladores e empresários.

Os EUA imprimem moeda sem lastro para aplicar no seu pacote, mas com isso vem a inflação e a desvalorização do dólar. Calcula-se que até agora, no mundo todo, US\$ 12 trilhões foram despejados para tentar estancar essa crise, sem efeito. Pouco antes da reunião do G-20, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) apresentava mais números

desagradáveis, projeção de queda no comércio de 13% em 2009 e a constatação de retração das principais economias. Os EUA com queda de 10,8% no mês de janeiro. O Brasil chega perto, com queda de 10,14% no mesmo mês.

A solução dessa crise, para a burguesia, é jogar a conta nas costas da classe trabalhadora. Mas em todo o mundo, mobilizações mostram que estamos buscando a nossa solução. Só nos últimos dias foram 55 mil se manifestando na Alemanha, 15 mil em Viena e 3 milhões na França com a greve geral. Mais de 35 mil protestaram na Inglaterra antes da reunião do G-20 e na Grécia outra greve geral com mais de 50 mil nas ruas. Novas ocupações de fábrica na Irlanda e no Canadá. Enquanto na América Latina, mais um país é arrastado pelo vento revolucionário: El Salvador, com a eleição do candidato de esquerda, Mauricio

Funes, para presidente.

Por aqui, Lula, “o cara” que Obama ama, eleito para governar para os trabalhadores, prefere salvar os empresários, não apresenta nenhuma medida concreta para barrar as demissões e acha muito chique emprestar dinheiro para o FMI. Resultado da coalizão com a burguesia, coisa que sempre criticamos, e que está no centro do combate de nossa tese para o Processo de Eleições Diretas do PT. Para o povo sobram retiradas de direitos e demissões, que chegam a 800 mil entre os meses de novembro e janeiro. A popularidade do presidente começa a cair e as mobilizações voltam à cena.

Chegou a nossa hora companheiros! Por pressão da base, o dia 30 de março foi de luta unificada em todo o Brasil. O 1o de Maio se aproxima. O governo Lula não toma nenhuma medida para defender os trabalhadores. É hora de começar a discutir a preparação de uma greve geral. A CUT tem que exigir do governo uma Medida Provisória que proíba as demissões e que a empresa que demitir, deve ser estatizada e colocada sob o controle dos trabalhadores.

A Esquerda Marxista liga cada luta diária à necessidade da completa transformação dessa sociedade. Só a mobilização, a organização e a revolução socialista são uma saída positiva para a classe trabalhadora. É preciso um mundo livre das amarras capitalistas e de crises que jogam milhões na miséria. Junte-se a nós nesse combate!

ASSINE: LutadeClasses

Jornal da Esquerda Marxista - Pela reconstrução da 4ª Internacional

12 N°s R\$ 30,00 - 12 N°s R\$ 50,00 solidário

Rua Tabatinguera, 326 cj. 11 - Centro - São Paulo, SP - CEP: 01020-000 Fone: (11)3101-8810

jornal@marxismo.org.br - home: www.marxismo.org.br

Faça contato com a Esquerda Marxista
contato@marxismo.org.br

Alagoas: al-contato@marxismo.org.br

Brasília: df-contato@marxismo.org.br

Minas Gerais: al-contato@marxismo.org.br

Mato Grosso: mt-contato@marxismo.org.br

Mato Grosso do Sul: ms-contato@marxismo.org.br

Paraíba: pb-contato@marxismo.org.br

Pernambuco: pe-contato@marxismo.org.br

Paraná: pr-contato@marxismo.org.br

Rio de Janeiro: rj-contato@marxismo.org.br

Rio Grande do Sul: rs-contato@marxismo.org.br

Santa Catarina: sc-contato@marxismo.org.br

São Paulo: sp-contato@marxismo.org.br

“Esse é o cara! Eu amo esse cara!”

Declaração de Obama para Lula no final da reunião do G-20 em Londres



Alta popularidade a serviço da aplicação das políticas da burguesia

Luiz Bicalho

luizbicalho@gmail.com

Quando o presidente dos EUA, James Monroe, em 1823 enunciou o que ficou conhecido como a *Doutrina Monroe*, de que a América seria para os americanos, os EUA não tinham ainda condições de sustentar tal afirmação. O crescimento econômico destes e, posteriormente a 1ª Guerra Mundial (1914-1918), a sua afirmação como principal potência imperialista, levou a que a doutrina fosse aplicada na prática. Em termos gerais, os financiamentos em Libras, Francos e Marcos alemães eram substituídos por financiamentos em dólar e o principal comércio dos países americanos se fazia entre os EUA e o restante.

É esta situação que permitiu durante os anos 60, quando Cuba realizou sua revolução, que os EUA conseguissem o isolamento diplomático e comercial de Cuba com o restante do continente. Hoje a situação não é exatamente a mesma, as crises econômicas e políticas que continuaram a sacudir o mundo e os países latino-americanos em particular, levam a que somente os EUA continuem com o bloqueio econômico e sem relações diplomáticas com Cuba. Então,

porque Cuba sofre com o bloqueio? Principalmente porque os produtos de alta tecnologia têm patentes ou são dominados por empresas americanas que são proibidas de comercializar com Cuba. Isto significa que as empresas americanas com filiais no Brasil ou outras empresas brasileiras que utilizem peças ou patentes dos EUA em seus componentes não podem vender para Cuba.

Esta situação mostra que, de fato, a dependência dos países latino-americanos com os EUA é muito maior que alardeiam os seus discursos. E os EUA, embora já não sejam o único destinatário nem o único fornecedor de produtos para os outros países, tem uma importância tanto econômica como política, sustentada por suas armas (a reativação de uma frota para “cuidar” do Atlântico Sul é a demonstração cabal do uso deste poderio - lembremos que esta foi uma decisão de Bush que Obama manteve, embora tenha revogado muitas decisões de Bush).

A burguesia - e particularmente a burguesia imperialista - sabe, entretanto, que não pode dominar sem o auxílio de outros segmentos e classes sociais. Para enfrentar o proletariado ela tem a todo momento que cooperar a média burguesia, setores da pe-

quena burguesia e, particularmente, manter sobre estrito controle os segmentos sociais do funcionalismo. No caso da relação entre nações, ela tem que cultivar com cuidado as relações com os governantes - sejam eles representantes diretos da burguesia local ou não.

É interessante como os jornais tratam a relação de Lula com os dois últimos presidentes dos EUA: rolou “química”. Um termo que costuma ser empregado em relações amorosas é trazido para a política para dizer que o presidente do Brasil se adaptou perfeitamente às condições impostas pelo presidente dos EUA.

Alguns haverão de gritar: calúnia! Entretanto, olhando precisamente do lado comercial, enquanto que os EUA pressionaram e conseguiram do Brasil a mudança da lei das patentes (que tornou os medicamentos mais caros), exigem continuamente através de vários relatórios que se persigam os “piratas” de produtos tecnológicos, exigem que as leis brasileiras de proteção ao meio-ambiente e as leis



Um termo que costuma ser empregado em relações amorosas é trazido para a política para dizer que o presidente do Brasil se adaptou perfeitamente às condições impostas pelo presidente dos EUA.



trabalhistas sejam flexibilizadas, que o ambiente para negócios no Brasil “não é tão livre”, etc. Já uma simples reivindicação brasileira, de que o álcool de cana não seja sobretaxado nos EUA é ignorada ou respondida com um “vamos ver” (A sobretaxa imposta ao álcool exportado pelo Brasil aos EUA é de US\$ 0,54 por galão - um galão tem 3,785 litros), ou de cerca

de US\$ 150,00 por metro cúbico).

A política de Bush de intervenção brutal apesar de toda “química” e de toda a boa vontade de Lula com o “companheiro Bush” impedia que o Brasil pudesse cumprir o papel de ser o aplicador até o fim da política do imperialismo dos EUA - embora cumprisse esse papel inclusive militarmente ao gerir a ocupação militar do Haiti.

Obama tem mais flexibilidade e, portanto, ao invés de tentar se equilibrar em vários pés (incluindo os governos reacionários da Colômbia e México) deixa explícito para todos os países qual a sua opção - “Esse é o cara”! E, assim, por delegação de competência, o Brasil passa a gerir os interesses dos EUA na América do Sul e, quiçá, em toda a América Latina; Passa a ser o “defensor” de Cuba e da Venezuela junto aos EUA; Passa a ser o construtor de uma “política contra as drogas sul-americanas” que visa substituir a DEA (órgão dos EUA encarregado do combate as drogas que foi expulso da Venezuela e da Bolívia); Passa a ser o encarregado de construir uma “política de segurança” na América do Sul.

Ah - podem dizer alguns - “isso é natural pela proeminência econômica do Brasil e pela integração econômica do Cone Sul que o MERCOSUL prenuncia”. Um dado apenas - enquanto que a corrente comercial (soma das importações e exportações) do Brasil como um todo caiu 20%, na Argentina, principal economia do Mercosul depois do Brasil, a corrente caiu 47%. Ou seja, a tal integração comercial é um mito que os primeiros momentos da crise atual derrubaram.

O que sobrou? Sobrou que “Lula é o cara” certo para implementar a política dos EUA, agora com Obama, uma face mais sorridente e morena, ao invés dos “brancos de olhos azuis”. Sobra a IV frota americana e os embargos que os EUA mantém à Cuba e as sobretaxas sobre o álcool. A “química”, como se vê, não alcança as armas e o comércio.

Repressão só aumenta a revolta dos servidores em greve de Florianópolis

Mais uma vez, os servidores foram alvo da violência policial comandada pelo Tenente Coronel Newton Ramlow, a mando do Prefeito Dário Berger



Manifestação do SINTRASEM-CUT nas ruas de Florianópolis

Rô Soldatelli

rosoldatelli@hotmail.com

Na sexta-feira dia 03 de abril, quando a categoria realizava a “linguçada” na frente do gabinete do Prefeito, chegaram policiais do Pelotão de Patrulhamento Tático para dispersar a manifestação usando gás e armas de choque elétrico, culminando na prisão do diretor

de Comunicação do SintraseM, Charles Pires.

Revoltados, os trabalhadores tentaram impedir que levassem Charles, mas com a violenta repressão tiveram que recuar, deslocando-se, então, para frente da 1ª DP onde Charles ficou mais de uma hora detido. Neste meio tempo, Adriano Zanoto, ex-presidente da OAB/SC que agora faz parte do Governo Dário Ber-

ger, ligou para o delegado pedindo enquadramento do caso como perturbação da ordem pública e lesão ao patrimônio público, o que não foi aceito pelo delegado que disse que se o patrimônio tivesse sido lesado seria necessário boletim de ocorrência e abertura de inquérito policial, com perícia, e que não era o caso.

E esta não foi a primeira vez em que Charles Pires é preso de forma arbitrária, à frente das greves dos servidores municipais de Florianópolis. Em 2007, a PM organizou a prisão de diretores do SintraseM numa manifestação de greve. Como a direção do Sindicato tinha profissionais contratados para filmar tudo, as imagens deixaram claro que quem organizou a quebra-deira não foram os trabalhadores.

Desde lá, o diretor Charles Pires tem sofrido ameaças por parte do

Tenente Coronel Newton. Recentemente, Douglas Vieira, militante da Esquerda Marxista, que é servidor público municipal, também sofreu ameaças deste mesmo policial.

O SintraseM tem denunciado, insistentemente, à população e à imprensa as ameaças feitas aos dirigentes do Sindicato.

O SintraseM solicitou audiência ao governador Luiz Henrique para pedir que o Tenente Coronel Newton seja exonerado, e fará uma campanha com esse objetivo. Também está sendo organizado um dossiê que servirá de subsídio para uma campanha nacional.

Paralelo a isso: a categoria está em greve e entre outras reivindicações está a luta pela revogação da lei que acabou com a Previdência Pública e Solidária criando o Fundo Previdenciário.

Fábrica Ocupada deve ser estatizada!

Pedro Santinho

pedro.santinho@uol.com.br

O emprego industrial caiu pelo quinto mês consecutivo, informa uma pesquisa do IBGE. É por isso que por toda a parte a discussão da defesa dos empregos e dos direitos se impõe hoje, mais do que nunca.

Diante disso, o Movimento das Fábricas Ocupadas e o Deputado Federal Fernando Nascimento (PT-PE), membro da comissão de trabalho da Câmara dos Deputados, abriram a discussão sobre a ocupação e tomada de fábricas pelos trabalhadores como uma forma de luta fundamental neste período. E para ampliar esta discussão será realizada no próximo dia 5 de Maio, às 14h, em Brasília, uma Audiência Pública para debater a questão.

Na pauta está: 1º - a luta para salvar a Flaskô, fábrica ocupada e controlada pelos trabalhadores há quase 6 anos e que vem resistindo aos ataques e tentativas de fechamento, exigindo a estatização sob o

controle dos trabalhadores como única forma duradoura de salvar os empregos; 2º - a luta pela retirada da Intervenção Federal na Cipla e Interfibra, realizada há 2 anos e que está levando ao fechamento das mesmas; 3º - como não poderia deixar de ser, a discussão sobre a crise econômica e suas conseqüências para o emprego e os direitos dos trabalhadores.

O Movimento das Fábricas Ocupadas, há quase 7 anos, levanta a bandeira que diz “fábrica quebrada deve ser ocupada e fábrica ocupada deve ser estatizada sob o controle dos trabalhadores”.

Os trabalhadores da fábrica ocupada Flaskô prosseguem na defesa dos empregos porque sabem que quando as fábricas fecham, viram verdadeiros cemitérios de postos de trabalho. Por isso, estão organizando dois ônibus para estarem presentes neste dia em Brasília e convidam os trabalhadores, suas entidades, os mandatos comprometidos com a luta dos trabalhadores para estarem presentes, enviando delegações para contribuir com a discussão.

Preparar as delegações para o 2º Encontro Latino-Americano de Fábricas Recuperadas pelos Trabalhadores



Já está convocado e sendo organizado por toda a América Latina o 2º Encontro Latino-Americano de Fábricas Recuperadas pelos trabalhadores, que ocorrerá em Caracas, na Venezuela, nos dias 25, 26 e 27 de Junho de 2009.

Por todo o Brasil as delegações começam ser preparadas. Para impulsionar a iniciativa é fundamental que abramos as discussões em cada fábrica, em cada sindicato e com o conjunto dos trabalhadores, porque sabemos que a crise continua e a cada dia avançam os ataques aos trabalhadores nos seus direitos mais elementares.

Apoiar e aprofundar a luta por recuperar as fábricas quebradas ou que demitem está na ordem do dia! Este encontro será fundamental para seguir por este caminho.

mobilizacaoflasko@yahoo.com.br

A Embraer é nossa!

REESTATIZAÇÃO CONTRA DEMISSÕES!

Demissão de 4270 trabalhadores coloca na pauta a luta pela reestatização da Embraer.

Alex Minoru

alexminoru@yahoo.com.br

A Embraer foi fundada no ano de 1969 como empresa estatal e privatizada em 1994 pelo governo Itamar Franco. Essa entrega do patrimônio público foi realizada por R\$ 154,1 milhões, sendo que poucos meses depois a empresa foi avaliada em R\$ 1,7 bilhão. Obviamente esse salto não foi motivado pela eficiência mágica da administração privada, mas porque a empresa foi vendida a preço de banana, abaixo do valor real, assim como a Vale do Rio Doce, leiloada por R\$ 3,3 bilhões em 1997 e avaliada na época em R\$ 100 bilhões.

Justa só por esses dados, a luta pela re-estatização da Embraer vem ganhando corpo a partir das 4270 demissões ocorridas em 19 de fevereiro. A luta pelo emprego na Embraer, na Vale e em todas as fábricas que demitem ou fecham, levam a um só caminho: a re-estatização ou estatização dessas empresas, sob controle operário, para preservar os postos de trabalho.

O Movimento das Fábricas Ocupadas vem participando das reuniões para a composição do Comitê pela Re-estatização da Embraer, que foi lançado oficialmente no dia 15 de abril, na Assembleia Legislativa de São Paulo. Independente de qualquer outra divergência, todas as organizações e movimentos da classe trabalhadora devem abraçar essa campanha de interesse comum. A CUT, inclusive, deve entrar nela de cabeça e será vergonhoso se não o fizer.

A RESPONSABILIDADE DO GOVERNO LULA

O governo Lula tem responsabilidade direta na questão da Embraer. Ele deveria ser o primeiro a querer a anulação dos leilões da Vale e da Embraer, dois exemplos de assalto ao patrimônio público.



Cartaz da campanha nacional

Mas Lula, que a princípio se disse indignado com as demissões, depois entendeu os argumentos dos diretores da empresa e não reivindicou a readmissão dos demitidos. O governo, que injetou bilhões via BNDES e que tem participação acionária na empresa (veja box), deveria ter defendido os trabalhadores mas, mais uma vez, resolveu ficar do lado dos empresários.

Lembremos que a mesma Embraer foi bastante generosa com Lula na campanha de 2006, doando R\$ 1,3 milhão para a campanha, uma doação entre tantas outras de grandes empresas. O preço a pagar pela coalizão com os partidos da burguesia, e por essas generosas doações, é o rabo preso com os patrões. Para os trabalhadores, a rua da amargura.

O LADO DA JUSTIÇA

O Tribunal Regional do Trabalho de Campinas, em um primeiro momento suspendeu as demissões, mas com o prosseguimento das negociações acabou por mantê-las, apesar de considerá-las abusivas e de fazer a Embraer pagar indenizações aos demitidos.

Se isso já não era bom. O Tribunal Superior do Trabalho (TST), no dia

13/04, piorou. Manteve as demissões, suspendeu as indenizações e deu razão à empresa. Em nota o TST justifica: “As dispensas foram alicerçadas em comprovadas dificuldades financeiras capazes de comprometer o regular exercício de sua atividade econômica, que recebe, igualmente, proteção na ordem constitucional e legal do país”. Prova mais do que evidente de que lado está a justiça.

UNIDADE PARA BARRAR AS DEMISSÕES

A crise econômica já chega ao Brasil com ondas mais fortes e um tsunami se avizinha. Inevitavelmente isso irá significar, além de retiradas de direitos, mais demissões. A bandeira da estatização ou re-estatização de toda empresa que fechar ou demitir deve ser levantada para preservar os postos de trabalho. Em cada cidade os movimentos sociais, sindicatos e centrais devem se unir para organizar comitês em defesa do emprego. Utilizando, para pressionar o governo, os métodos da classe: passeatas, paralisações, greves e ocupações. Com o objetivo construir uma grande mobilização nacional, que culmine em uma greve geral que coloque a burguesia e seus representantes na parede.

O governo e a Embraer

As ações da Embraer, pertencentes ao Fundo de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil (Previ) - administrado pelo governo -, somadas às ações do BNDES - órgão do governo - e mais as ações da própria União, somam juntas quase 20% do total das ações da empresa. Isso já desmascara a suposta surpresa de Lula ao saber das demissões e se dizer traído, já que o governo tem representantes no Conselho de Administração da Embraer, por onde passam todas as decisões estratégicas da empresa.

A união possui ações chamadas de golden share, que foram criadas na época da privatização e dão ao governo os mesmos direitos dos detentores de ações ordinárias. Com esses papéis o governo tem o poder de veto em algumas das decisões da companhia, principalmente em temas ligados à defesa e assuntos militares.

O BNDES, nos últimos 12 anos, deu um aporte de R\$ 19,7 bilhões por meio do financiamento à exportação de aeronaves para a Embraer. Só no ano passado foram US\$ 542,3 milhões em operações que favoreceram a empresa.

Se por um lado é verdade que a maioria das ações está em mão privadas, principalmente estrangeiras, por outro, o governo tem instrumentos para interferir nos rumos da Embraer. Lula poderia ter reivindicado a readmissão dos 4270 trabalhadores demitidos, e teria como pressionar e ser atendido, mas não o fez. Isso só evidencia mais a conivência do governo com essas demissões.

Um primeiro aviso dos trabalhadores!

Mesmo sem as centrais sindicais chamarem para a paralisação, no dia 30 de Março milhares de trabalhadores saíram às ruas em todo o Brasil.



Sindicato dos Vidreiros presente no ato unificado de 30 de Março

Caio Dezorzi

caiodezorzi@yahoo.com.br

Ap princípio houve um acordo entre as centrais sindicais durante o Fórum Social Mundial de Belém em Janeiro, de se fazer um ato unificado em 1º de Abril. Mas, para as cúpulas dessas centrais, a idéia de ato unificado não parece ser muito boa. Muitos trabalhadores mobilizados e unidos por uma mesma causa pode ser perigoso para os burocratas. Pois nestes atos unificados salta mais aos olhos que não há muitas diferenças entre os dirigentes desta ou daquela central e eles podem perder o controle sobre a base.

Enquanto isso...

Enquanto este texto era escrito, após uma greve nacional dos petroleiros de 5 dias, os ferroviários do Rio de Janeiro já estavam há 3 dias em greve e o MST intensificava as ocupações de terra. No mesmo dia, 15 de Abril, era lançado com um ato na ALESP, o Comitê pela Reestatização da Embraer.

Então, cerca de duas semanas antes do ato, a direção da CUT decide mudar a data para 27 de Março. A Conlutas então manteve o dia 1º de Abril. Mas, a pressão da base a que os dirigentes sindicais mais intermediários estão submetidos é tão grande para que essas centrais mobilizem os trabalhadores contra os efeitos da crise, que tanto a direção da CUT como a da Conlutas se viram obrigadas a mudar a data e unificar o ato, então, para o dia 30 de Março.

A DIVISÃO DA CLASSE

Quando a classe trabalhadora se sente atacada ela busca se unir contra os patrões. E isso é um pesadelo para os burocratas pelegos e sectários aparelhistas. O ato de 30 de Março mexeu especificamente com a base da Conlutas. Pois, como a iniciativa divisionista – de romper o ato unificado de 1º de Abril – partiu da cúpula da CUT, a base da Conlutas pôde ver através de outro ângulo as conseqüências da política divisionista que a direção de sua própria central impulsiona. De repente as direções da CUT e da Conlutas se mostraram tão parecidas! Com o ato unificado em risco, todos os trabalhadores mais interados puderam notar que a divisão não serve à nossa luta.

Outro aspecto é que, se na década de 90 em um ato como este haveria muitos trabalhadores com as bandeiras

vermelhas da CUT na mão, ficou evidente neste ato que, com as divisões efetuadas na CUT – que originaram Conlutas, Intersindical, CTB – hoje a Força Sindical aparece mais com suas bandeiras cor de laranja enquanto o chamado sindicalismo classista aparece rachado. A nossa divisão – mesmo em nome da luta contra os pelegos – só fortalece os pelegos.

Quantas lições poderiam os sectários sacar daí! Mas infelizmente não aprendem assim, tão rápido. A própria direção da Conlutas orientou os sindicatos em sua base a participar dos atos unificados “apenas onde tivesse efetivo para se diferenciar claramente da CUT”. Em outras cidades orientou organizar atos no mesmo dia, mas em locais separados!

Será que não enxergam que só a luta de massas pode colocar a burguesia na parede? E luta de massas não se faz com atos separados, mas com atos unificados! Uma greve geral por tempo indeterminado no Brasil terá que ter um Comando Nacional de Greve Unificado e não vários comandos nacionais, um da CUT, outro da Conlutas, outro da Intersindical, etc. Estamos em guerra contra a burguesia. O time que estiver mais unido vence o time que estiver mais dividido! Não parece óbvio?

A FORÇA DOS TRABALHADORES

Mesmo sem as centrais sindicais chamarem para a paralisação, no dia 30 de Março milhares de trabalhadores saíram às ruas em todo o Brasil. Só para citar algumas capitais, em Porto Alegre, cerca de 5 mil trabalhadores; em Recife foram cerca de mil trabalhadores; no Rio mais de 2 mil; em Fortaleza mil; em Belém cerca de 2 mil; em São Paulo cerca de 10 mil trabalhadores marcharam da Av. Paulista (em frente à sede da FIESP) até a BOVESPA no centro de São Paulo, durante quase 5 horas de manifestação ininterrupta.

Claro que ainda é pouco pro tamanho da classe trabalhadora brasileira, mas numa Segunda-Feira sem paralisar o trabalho, temos que entender que houve uma adesão importante. E isso ainda porque a crise chega atrasada no Brasil em relação aos outros países.

Além disso, é importante notar a radicalização das bandeiras. Enquanto a direção da Força Sindical busca impor um discurso que exige apenas “manter os níveis de emprego”, proliferam cartazes e faixas no corpo das manifestações por “Reestatização das Empresas Privatizadas”, “Estatiza-



Delegação da Esquerda Marxista no ato da Av. Paulista



Luta dos trabalhadores franceses ecoa no ato unificado de São Paulo

ção das Fábricas Ocupadas”, “Greve Geral na França aponta o caminho”, “Lula, baixe uma MP que proíba as demissões”, etc. E essas palavras de ordem ganham a simpatia inclusive dos trabalhadores na base de centrais pelegas, como a Força Sindical.

É disso que as cúpulas têm medo. Têm medo que as reivindicações mais avançadas dos trabalhadores virem uma epidemia, contagiando a base de todas as centrais e partidos, independente das cores da camisa, no caso de unificar atos como este. As cúpulas têm medo de perder o controle!

NOSSA INTERVENÇÃO

Em Recife foi a intervenção dos nossos camaradas que levou o Fórum dos Trabalhadores da Indústria de Pernambuco a fazer faixas exigindo a reestatização das empresas privatizadas (Vale, Embraer, CSN) e a estatização das fábricas ocupadas pelos trabalhadores.

Em Florianópolis, nossos camaradas que ocupam posições de direção na CUT estadual estiveram à frente do ato e explicaram no carro de som a centenas de trabalhadores, os problemas trazidos pela coalizão do Governo Lula com a burguesia no momento de enfrentar as consequências da crise causada pela própria burguesia.

Em São Paulo uma coluna organizada com cerca de 100 militantes com delegações do Sindicato dos Vidreiros do Estado de SP, da Fábrica Ocupada Flaskô, de Professores, de trabalha-

dores da Cultura e de estudantes secundaristas e universitários, levantou a bandeira da luta pelo socialismo.

COMO AVANÇAR?

Na Europa, mobilizações de massa ocorreram com dezenas de milhares na Alemanha, Inglaterra, Grécia, etc. E na França, duas greves gerais de um dia já pararam o país em 2009, levando cerca de 3 milhões de trabalhadores às ruas!

Mas, devemos entender que isto ocorre com intensidade e ritmo diferentes em cada país, de acordo com as peculiaridades nacionais. Na Europa, por exemplo, a crise chegou meses antes do que no Brasil e suas consequências já têm sido mais graves e têm sido sentidas muito mais pelos trabalhadores europeus do que pelos trabalhadores brasileiros.

O nível de qualidade de vida dos trabalhadores europeus é bastante superior ao nível dos brasileiros e, quanto mais alto estiver, maior será o tombo. Por isso se mexem mais que aqui e mais rápido.

Já na França, onde as maiores manifestações eclodiram, há um governo burguês ultra-reacionário desde 2002! Ao contrário do Brasil que teve Lula eleito pelos trabalhadores em 2002 e que ainda conta com ilusões de boa parte da classe trabalhadora (basta ver seus índices de aprovação e popularidade). Como se ainda não bastasse, a principal central sindical do país, a CUT, tem toda sua direção executiva

comprometida até a medula com a defesa do governo Lula e suas medidas.

Entretanto, as ilusões em Lula e seu controle sobre a direção do movimento sindical não poderão sustentar esta situação de relativa calma para sempre. Sinais de que a crise começa a desgastar Lula já apareceram. E a adesão de milhares de trabalhadores no dia 30 de Março, obrigando as cúpulas a unificarem os atos, foi um primeiro aviso dos trabalhadores ao governo, à burguesia e aos seus agentes infiltrados no movimento operário. Foi um aviso de que temos forças para mobilizar e lutar.

O próximo passo seria começar uma campanha ampla no movimen-

to sindical, dirigida a Lula para que baixe uma MP (Medida Provisória) que proíba as empresas de demitirem. Apresentada pelo camarada Faustão na reunião da Direção da CUT de Dezembro do ano passado, essa proposta já ganhou a simpatia e apoio de outros setores que começam a enviar cartas para o Lula (como o Zé Maria, da Conlutas) ou impulsionar abaixo-assinados em defesa desta proposta (ver mais na pág. 13).

Em cada assembléia e congresso sindical, aprovar esta proposta como exigência dirigida a Lula pode preparar as bases para uma greve geral no Brasil e levar milhões às ruas. Essa é a nossa tarefa!

Trabalhadores da Cultura participam do ato unificado em SP



Atores e atrizes somam bandeiras de luta à manifestação unificada dos trabalhadores

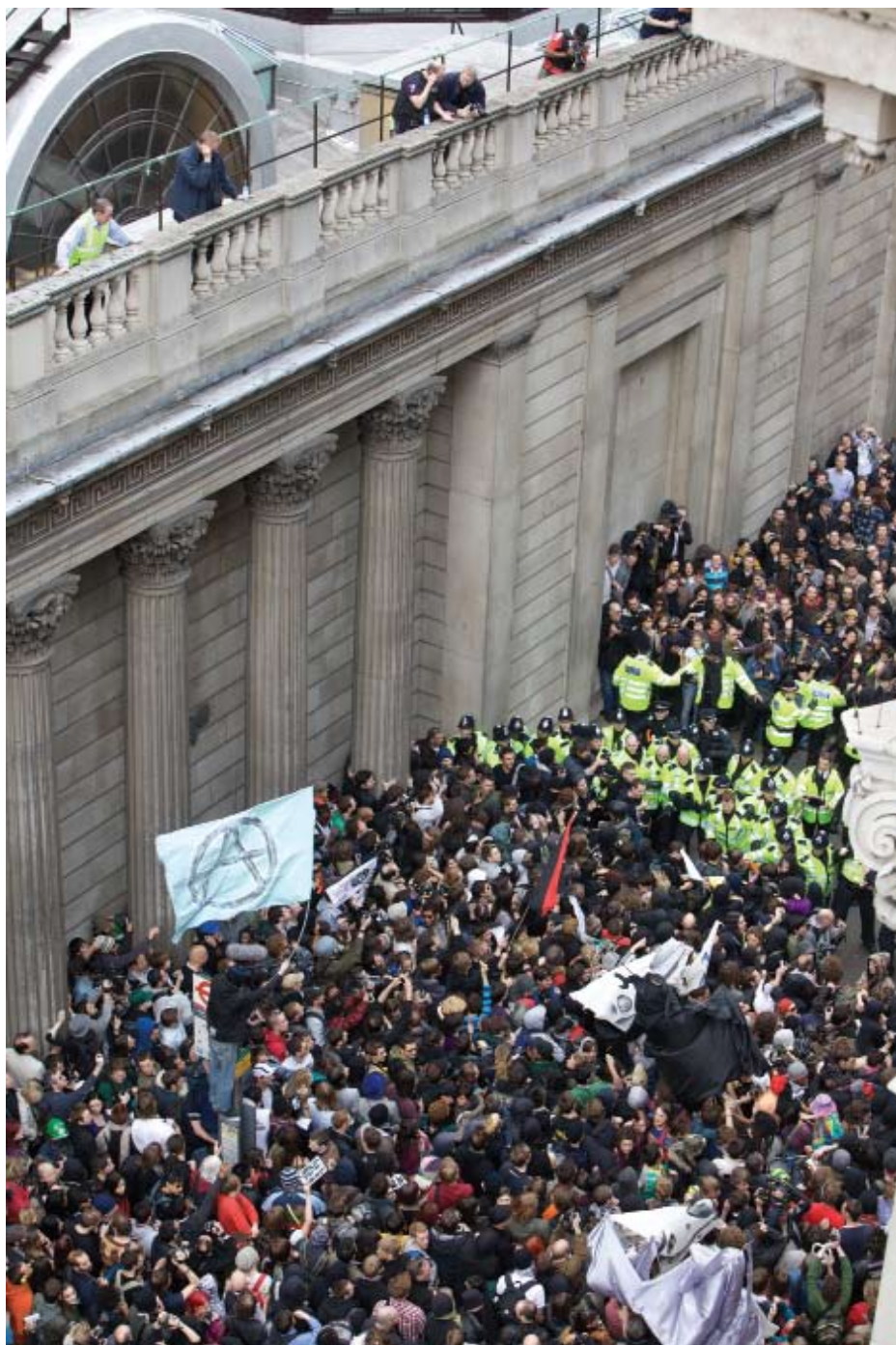
O Movimento 27 de Março, formado por trabalhadores da cultura (principalmente ligados ao teatro na cidade de São Paulo) participou com uma coluna e faixas no ato unificado dos trabalhadores em São Paulo. Eles reivindicam políticas públicas para a cultura financiadas com verbas públicas. O Movimento se contrapõe às leis de incentivo/renúncia fiscal, como a chamada Lei Rouanet (ver mais na pág. 16).

A bandeira contra a privatização da cultura e por políticas e verbas públicas para esta área é tão importante quanto a bandeira por educação ou saúde. Compreender isso e incluir esta bandeira entre suas mais sentidas reivindicações é o que está colocado para a classe trabalhadora e suas organizações.

A participação desta coluna de trabalhadores da cultura no ato unificado é um primeiro passo neste sentido.

G-20 e o impasse dos governos capitalistas

A reunião do G-20, realizada no início de abril, em Londres, mostrou mais uma vez o impasse dos governos capitalistas. Para além de discursos otimistas, as medidas efetivas não apontam para o encaminhamento de soluções efetivas para a terrível crise econômica mundial.



Milhares protestam em Londres na porta da reunião do G-20

Daniel Feldmann
dafeldbr@yahoo.com.br

Foram anunciados mais US\$ 5 trilhões de estímulos à economia por parte dos governos. Esta cifra astronômica se soma aos mais de US\$ 12 trilhões que, estima-se, já foram gastos (em recursos destinados tanto às empresas como aos bancos) desde o início da crise. O fato é que se estas medidas

podem aliviar um pouco o fardo da recessão econômica, elas não podem jamais atacar o centro do problema: uma crise de superprodução de mercadorias somada a uma monumental circulação de capital fictício (capital que busca se valorizar na especulação, por fora da produção). E mesmo com os enormes recursos já gastos e anunciados, não há qualquer indício de recuperação, muito pelo contrário.

O G-20 acordou também a destinação de mais de US\$ 1 trilhão para recuperar o papel de intervenção do FMI. O famigerado Fundo deverá ter o papel imediato de “ajudar” países que tiveram bruscas fugas de capital e perda de reservas (dólares), como o México e parte do Leste Europeu.

Além de tais medidas, a reunião do G-20 aprovou um documento que contém uma série de “boas intenções”: regular o sistema financeiro, combater os paraísos fiscais, evitar o protecionismo entre os países. Nas palavras do presidente francês Sarkozy, deve-se trabalhar para um “novo acordo de Bretton Woods”.

NOVO “BRETTON WOODS”?!

E é justamente nesse ponto que, como disse já disse Marx, a história se repete: primeiro como tragédia e depois como farsa. Os Acordos de Bretton Woods, após a segunda guerra mundial, marcaram um período onde os governos de fato buscaram regular e controlar o capitalismo de forma a evitar crises como a de 1929. Também foi um período de concessões aos trabalhadores para buscar enterrar a onda revolucionária do pós-guerra. Mas o que esteve por trás de tais acordos foi a liderança absoluta (política, econômica e principalmente militar) dos EUA, que impôs o dólar como moeda-chave do capitalismo internacional.

Mas o capitalismo é o capitalismo, e, como também dizia Marx, “o limite do capital é o próprio capital”. A eterna competição levou a uma queda da rentabilidade entre o final dos anos 60 e início dos 70. Os capitalistas então buscaram se livrar das amarras que foram impostas por eles mesmos. É isso que explica as últimas décadas de “globalização”, marcadas por ataques aos direitos trabalhistas, liberalização comercial, liberalização financeira, novas formas de criação de capital fictício, etc.

A ideia de uma nova regulamentação e controle do capital esbarra hoje

em dificuldades enormes. Como controlar, por exemplo, os gigantes fundos de investimento que atuam com centenas de bilhões de dólares em dezenas de países?

EUA E O “MULTILATERALISMO”

Outro fator complicador é a própria relativa perda de liderança dos EUA. Quando caiu a URSS nos anos 90, o imperialismo americano impôs unilateralmente ao resto do mundo o chamado “Consenso de Washington”, que consistiu em um aprofundamento das políticas de liberalização, desregulamentação e privatização.

Agora, o discurso de Obama aponta para a necessidade de “cooperação internacional”, “multilateralismo”, e é justamente por isso que veio à tona a necessidade de se convocar o G-20. Se é certo que os EUA continuam a ser, sem dúvida, a principal potência imperialista, também é fato de que a derrota no Iraque e as complicações da recente crise impedem que o país tenha, mesmo que remotamente, uma liderança semelhante a que teve nos acordos de Bretton Woods. Se no pós-guerra os EUA financiaram sozinhos a reconstrução da Europa e do Japão, agora Obama se vê obrigado a apelar para que estes mesmos países injetem trilhões e também “paguem pela crise”.

Todavia o grau de cooperação entre os países dificilmente deve permitir outras medidas além da injeção de recursos na economia. O protecionismo, apesar de atacado veementemente em



Mesmo que se consiga estabelecer algum controle sobre o capitalismo, a história já mostrou que a própria lógica do capital tende a transpor os limites impostos.



discursos, volta à tona como medida de defesa das diferentes burguesias nacionais. E justamente Obama saiu à frente nesta nova cruzada com a cláusula do “Buy American”, que fará com que apenas as empresas que utilizam aço produzido nos EUA tenham subsídios do governo. E mais importante: as eventuais tentativas de regular internacionalmente as finanças certamente vão esbarrar num tema pra lá de espinhoso: o papel do dólar como moeda internacional. As declarações recentes dos governos da Rússia e da China propondo uma “nova moeda internacional” provocaram uma reação imediata dos EUA, que não podem admitir, de forma alguma, perderem o direito de ser o único país no mundo e na história a emitir uma moeda aceita por todos.

PERSPECTIVAS PARA A CLASSE TRABALHADORA

Portanto, o cenário mais provável para o próximo período não deve ser de “estabilidade” e de “cooperação” entre os países. Diante da crise, as diferentes burguesias e suas frações tendem a entrar num profundo conflito entre si. E certamente as burguesias continuarão buscando jogar sobre as costas dos trabalhadores as consequências da crise que elas mesmas criaram.

Mesmo que se consiga estabelecer



Repressão e conflitos entre policiais e manifestantes em Londres

L E mesmo com os enormes recursos já gastos e anunciados, não há qualquer indício de recuperação, muito pelo contrário.

algun controle sobre o capitalismo, a história já mostrou que a própria lógica do capital tende a transpor os limites impostos. E, sobretudo, nem a regulamentação do capital, nem as políticas keynesianas de gastos públicos, por si mesmas, significam qualquer melhoria

efetiva para as massas. No contexto atual trata-se justamente do contrário. Os trilhões que estão sendo gastos para salvar os capitalistas tendem a exercer uma pressão constante sobre os gastos nos serviços públicos, sobre os direitos trabalhistas (no Brasil, por exemplo, o governo pretende desonerar as empresas do FGTS), etc...

A luta contra as demissões, a luta pelos direitos e serviços públicos devem ser a plataforma da classe trabalhadora, plataforma que deve apontar também para a expropriação da burguesia e o socialismo como únicas medidas que podem de fato, não apenas “controlar”, mas sim acabar com o capital.



Chefes de Estado das 20 principais economias do mundo unidos para tentar salvar o capitalismo

Obama Atômico!

“Armas nucleares são a herança mais perigosa deixada pela Guerra Fria”, disse Obama num discurso para milhares de pessoas em Praga, na República Tcheca.

E continuou: “Os EUA darão passos concretos (...) Começaremos o trabalho de reduzir nossos arsenais”, mas alertou: “a América manterá uma capacidade nuclear segura para deter nossos adversários e assegurar nossos aliados!” (CNN).

Depois Obama disse que o lançamento-teste da Coreia do Norte evidencia a urgência da “agenda de desnuclearização” e sobre o Irã frisou: “Nós apresentaremos uma opção clara ao Irã para ocupar seu lugar de direito na comunidade das nações, incluindo seu direito à energia nuclear pacífica, ou para continuar a recusa de cumprir com suas obrigações internacionais!” (CNN).

O que tudo isso quer dizer? Apesar de Obama ser bem mais simpático que Bush e outros antecessores, seu discurso é o mesmo. Ele diz que todos devem baixar as armas, menos os EUA e se alguém se recusar, vai levar chumbo! Segue a lógica de que os EUA são o xerife do mundo. E na etapa imperialista do capitalismo não poderia ser diferente.

O desenvolvimento da indústria bélica e das guerras nada mais são do que uma consequência necessária à sobrevivência do capitalismo. Por isso Obama tem que assumir que os EUA continuarão com armas nucleares “num nível seguro” e por isso, apesar de dizer que vai retirar as tropas do Iraque, Obama faz campanha para enviar mais tropas pro Afeganistão, ameaça a Coreia do Norte e manda beijos para Israel, dizendo que irá “assegurar os aliados”. Pobre Gaza!

Já começou a Recuperação Econômica?

Analistas, economistas, governo e deputados tentam tampar o sol com a peneira.



Crise do capital é o centro da discussão nas manifestações operárias (30/03 - SP)

Luiz Bicalho

luizbicalho@gmail.com

Em fevereiro foram criados 10 mil empregos. A venda de carros novos aumentou em fevereiro e março. Foi o suficiente para que os “analistas” de plantão, os economistas que dão entrevistas todos os dias, o presidente e seus ministros, deputados e senadores comesçassem a esboçar um discurso de que a crise chegou aqui, mas que não vai ser tão forte e que vamos nos recuperar muito rapidamente.

Este discurso é uma ilusão. Para que possamos entender a situação econômica, temos que olhar a produção brasileira e quais são as conseqüências da crise mundial do capitalismo. E não só com o olhar de quem vê uma fotografia, no dia em que a bolsa de valores subiu, em que o dólar desceu ou no mês em que houve recuperação de 10 mil empregos. É preciso olhar com mais precisão para não nos enganarmos.

Em 2005 o Brasil importava US\$ 77 bilhões, o equivalente a 0,7% da im-

portação mundial (estimada em US\$ 10 trilhões), e exportava US\$ 118 bilhões, equivalente a 1,1% dos valores mundiais. A tabela 1 mostra a evolução do comércio externo brasileiro de 2005 a 2008.

É importante ver que, se houve um crescimento imenso do comércio exterior, isto acompanhou o crescimento mundial do comércio, com ligeiras variações. Ou seja, o Brasil não era e não é um caso especial e diferente no comércio mundial. Nas exportações, os produtos manufaturados representavam 46% do valor total e, dentre estes, o material de transporte (carros, ônibus, aviões, etc.) representava 14% do total exportado (logo em seguida: petróleo, produtos metalúrgicos, minérios e soja).

Este aumento do comércio exterior levou a um aumento da produção brasileira como um todo, à geração de empregos e também ao crescimento do mercado interno. A crise comercial levou a que tanto a importação como a exportação caíssem 20% (em média) nos dois primeiros meses. Alguns se-

tores, como é o caso da exportação de automóveis, praticamente foram paralisados. Para outros, como o da aviação, se prevê queda em 2010 (para 2009 as encomendas já foram feitas). Em termos gerais, a exportação de produtos industrializados e semi-industrializados caiu por volta de 25%, enquanto que a exportação de produtos brutos (sem industrialização - minério de ferro, soja, petróleo bruto) manteve-se praticamente estável. Ou seja, durante a crise, países como o Brasil tendem a voltar a ser exportadores de matérias primas e produtos agrícolas, perdendo a capacidade de colocar seus produtos industriais no mercado exterior.

Ressalte-se que as quedas no comércio exportador mundial refletem esta tendência. As maiores economias exportadoras do planeta – Alemanha e Japão – tiveram quedas de até 50% (na maioria de produtos industrializados).

Os resultados desta situação tiveram seu surto inicial em dezembro e janeiro (com a perda recorde de empregos nestes dois meses: mais de 750 mil vagas foram fechadas). O emprego industrial vem caindo desde outubro, com queda acumulada de 5,2%. Uma pesquisa da FIESP mostra que 40% das indústrias

já têm planos de demissão em SP, sendo que os cortes vão atingir 14% do pessoal empregado na indústria em 2009!

O governo reagiu derrubando as tarifas do IPI de vários setores industriais (automóveis e motocicletas) e aumentando o crédito para estes setores. Isto levou a uma reação pequena da economia, com a venda de carros no mercado interno aumentando, mas não compensando as perdas do mercado externo. Em termos gerais, o emprego industrial continuou caindo em fevereiro – queda de 4,2% em relação a fevereiro de 2008 - enquanto houve uma pequena recuperação em outros setores. Este foi o saldo de 10 mil empregos a mais.

Entretanto, a economia capitalista é uma economia mundial e o que domina a produção é o mercado mundial. A crise mundial, que estourou nos EUA como crise de crédito, mostrou rapidamente a sua verdadeira face como uma crise de superprodução capitalista, onde o mundo produz mais do que o mercado mundial consegue absorver (lembramos – a população mundial continua com carência de comida, saúde, educação, moradia, saneamento básico. Mas a produção capitalista é feita para o mercado, para obter lucro e não para satis-

Tabela 1

Ano	Importação	Exportação	Saldo	Corrente de Comércio
2005	77,6	118	40,4	195,6
2008	173,2	197,9	24,7	371,1
Crescimento	123,20%	67,71%	-38,86%	89,72%

Tabela 2

BRASIL: PRODUTIVIDADE DA INDÚSTRIA (QUANTUM/NHP) TAXA DE CRESCIMENTO (%) - (Iguar Período Ano Anterior = 100)						
Discriminação	2004	2005	2006	2007	2008	Jan/09
Indústria geral	6,1	2,1	2,5	4,2	1,2	-14,1
Indústrias extrativas	-0,2	11,8	4,7	3,5	-1,9	-20,4
Indústria de transformação	6,4	1,6	2,3	4,2	1,2	-13,9
Alimentos	1,2	-6,3	-5,0	-1,4	-0,8	-4,4
Fumo	-3,7	-0,1	8,9	8,5	6,0	0,1
Têxtil	10,9	-3,1	3,1	1,6	2,9	0,1
Vestuário e acessórios	10,3	-2,2	0,8	10,6	10,2	-4,6
Calçados e artigos de couro	2,8	8,7	6,3	8,2	2,7	-13,7
Madeira	6,5	5,6	3,2	2,8	-1,8	-12,7
Celulose, papel e produtos de papel	11,5	4,5	1,5	4,0	4,0	-8,4
Refino de petróleo, e álcool	-5,0	-9,4	-12,0	-7,9	-10,0	-18,1
Borracha e plástico	3,0	2,5	3,6	5,4	1,7	-17,0
Minerais não-metálicos	6,7	3,9	4,1	5,8	3,4	-8,4
Metalurgia básica	-6,3	-4,6	1,9	0,3	-5,4	-31,9
Produtos de metal (excl. máqs. equiptos.)	14,2	-5,4	0,4	-1,0	-3,9	-20,9
Máquinas e equipamentos	1,5	-1,8	9,6	10,6	-4,4	-21,4

Fonte: IBGE

Obs.: Produtividade = Variação da Produção Física da Indústria (quantum) / Variação do Número de Horas Pagas na Produção

Indústria de Aço

Segundo o IBS, a produção de aço caiu 40%, comparando os três primeiros meses de 2008 com os primeiros meses de 2009. Este índice se manteve em março. Além disso, a indústria empregou somente 50% da capacidade instalada para a produção. Muitas usinas desligaram seus altos fornos, particularmente em Minas Gerais, onde mais de

18 altos fornos foram desativados nos últimos meses. O número total de empregados na indústria recuou 12,5%, o que indica prováveis demissões nos próximos meses.

Os números da produção não se traduzem em faturamento: enquanto que a produção cai 40%, o faturamento cai 50%, indicando deflação.

fazer as necessidades da humanidade).

O resultado na produção industrial brasileira é claro: a produção industrial de janeiro de 2009 caiu 17% frente a janeiro de 2008. A queda começou em outubro de 2008 e vem até janeiro (última estatística disponível no Ministério da Indústria e Comércio).

Considerando uma base na média da produção industrial de 2002 igual a 100, a produção foi subindo continuamente, atingindo um pico de 131 em setembro de 2008. Desde então vem caindo, chegando a um índice de 107 em janeiro de 2009, ou seja, quase que retornando à produção de 2002!

Olhando por setores, o setor de bens de capital que chegou a um pico de 200 em setembro de 2008 (o dobro de 2002), recuou para 155. O setor de bens intermediários recuou para 100 (produção igual à de 2002) e o de bens de consumo, para 109. A queda foi geral em todos os setores. E querem nos fazer crer que já estamos em “recuperação”?



A crise mundial, que estourou nos EUA como crise de crédito, mostrou rapidamente a sua verdadeira face como uma crise de superprodução capitalista, onde o mundo produz mais do que o mercado mundial consegue absorver...



Mais ainda, os valores vêm caindo. Tomando uma base de 2006 como 100, os valores produzidos tiveram um pico de 120 em julho de 2008, caindo constantemente desde então até chegar a 98, em janeiro de 2009. Ou seja, os valores são menores que os valores de 2006. Esta queda dos valores, maior que a queda na produção, mostra que o valor médio do produto caiu, ou seja, cai o valor de venda, cai o lucro e, portanto, as empresas tendem a demitir para recuperar o lucro, e geram um novo ciclo de quedas de produção e de vendas. O emprego na indústria atingiu um pico em novembro de 2008 com 9 milhões e 561 mil empregados e vem recuando desde então, com 8 milhões e oitocentos e oito mil em janeiro, e queda em fevereiro e março. O total de operários empregados recuou a valores do ano de 2005!

Outro dado que interessa é a produtividade das empresas. Este índice, que mede a capacidade que a empresa tem em competir no mercado (ou seja, mede a variação da produção física em termos de horas trabalhadas) veio crescendo desde 2004 e sofreu uma queda de 14,9% em janeiro de 2009, retroagindo aos valores de 2002. Para melhor compressão, reproduzimos a tabela do Ministério da Indústria e Comércio (Tabela 2).

Porque isto acontece? Simplesmente porque a indústria produz menos do que produzia antes, por não ter mercado para a sua produção. Em outros termos: retomar a produtividade, aumentando a produção por hora trabalhada, em um contexto em que a produção só tende a cair, por falta de mercado, só pode levar a... demissões!

A queda do IPI dos carros

Isto levou ao aumento da compra de carros. Note-se que os valores finais dos automóveis foram pouco modificados com esta queda. Apesar da queda do valor a vista dos carros, aumentou o preço do financiamento, acabando com as promoções de “juro zero” ou “juro a 0,99%”. O resultado é que para o consumidor que está comprando a prazo, os valores ficam praticamente iguais no total, antes e depois da queda. A venda de carros no Brasil aumentou nos meses de janeiro a março. Entretanto, a queda na produção industrial de veículos automotores em janeiro de 2009 em comparação

com janeiro de 2008 foi de 34%. A produção atingiu um pico de 315 mil veículos em julho e vem caindo desde então. A tabela abaixo, extraída do site da ANFEVEA, mostra os resultados dos dois primeiros meses de 2008 e 2009 comparados. Ou seja, a produção total caiu 25%, apesar do aumento da venda interna decorrente do maior crédito que a queda do IPI proporcionou.

Coincidentemente, no mesmo dia em que a Fiat anuncia a contratação de mais 1.200 operários a Mercedes anuncia a abertura de um PDV e a colocação de 1.200 funcionários em licença.

	2009			2008			Variação
	Janeiro	Fevereiro	TOTAL	Janeiro	Fevereiro	Total	
GASOLINA	19.501	24.537	44.038	55.384	54.275	109.659	-59,84%
FLEX FUEL	151.553	159.161	310.714	177.128	175.807	352.935	-11,96%
DIESEL	13.665	14.805	28.470	22.716	23.935	46.651	-38,97%
TOTAL GERAL	184.719	198.503	383.222	255.228	254.017	509.245	-24,75%

O mito da retomada do emprego industrial em SP

Notícias que falavam em retomada do emprego industrial em SP em março foram comemoradas pelo Ministro do Trabalho. Entretanto, esta retomada se deu num setor, o setor da indústria álcool-açucareira,

onde a indústria resolveu antecipar o corte e processamento da safra de cana, tendo em vista as dificuldades de financiamento. Nos outros setores a queda continuou no mesmo ritmo dos meses anteriores.

O Plano Habitacional

O objetivo declarado: 1 milhão de novas moradias, prioritariamente para os mais pobres. Como fazer: aumentar o financiamento habitacional, dar subsídios para os mais pobres e aumentar os valores que podem ser financiados (de R\$ 350 mil para R\$ 500 mil). Em outras palavras, trata-se de aumentar violentamente o crédito habitacional no país e tentar com isso manter (ou aumentar) o emprego no setor da construção civil. Dará certo? É possível que com crédito realmente

disponível, haja um aumento da produção e do emprego. Sobre atender os mais pobres, dependerá dos municípios que deverão disponibilizar as terras para tais empreendimentos, o que nem sempre vai acontecer. Por outro lado, este tipo de financiamento tem os seus limites, e a crise nos EUA, iniciada justamente pela incapacidade do mercado de continuar financiando um imóvel cujo preço caía, pode levar a problemas semelhantes no Brasil.

Plenárias da tese “Virar à esquerda! Reatar com o socialismo!”

Com intuito de abrir a mais ampla discussão com os filiados e simpatizantes do Partido dos Trabalhadores, a Esquerda Marxista e os primeiros signatários da tese ao PED e ao 4º Congresso do PT “*Virar à esquerda! Reatar com o socialismo*” abrem o debate e organizam plenárias nesse próximo período.

“É hora de explicar aos trabalhadores que o capitalismo traz a guerra e o sofrimento como a nuvem traz a tempestade. É hora de explicar para milhões que a única saída é a estatização do mercado financeiro e de todas as grandes empresas capitalistas nacionais e internacionais, é o confisco de todos os latifúndios e sua entrega para os milhões de trabalhadores

rurais sem-terra, uma ampla e imensa reforma agrária que acabe com a fome neste país. É preciso atender imediatamente todas as reivindicações populares tão sentidas...” (trecho da tese proposta ao PED)

Desse modo, convidamos todos a se juntar ao nosso combate em defesa do socialismo, a participar das plenárias para enriquecer a proposta de tese com suas sugestões e a organizar conosco uma chapa nacional, marxista e revolucionária para virar à esquerda. A adesão a essa proposta tem o objetivo de mudar os rumos do partido e recolocá-lo à esquerda. Somente um programa operário e socialista será capaz de abrir um caminho neste mundo de horror e dor

que o capitalismo e sua sobrevivência impõem à maioria da humanidade. É necessário, e um dever, que o governo do PT atenda as reivindicações populares e não permita nenhuma demissão de trabalhadores. Mas isso só pode acontecer se houver mobilização e organização das lutas por aqueles socialistas revolucionários que continuam fiéis à sua própria classe.

Organize também plenárias e coleta de adesões à tese “Virar à esquerda! Reatar com o socialismo” na sua cidade, bairro, trabalho ou escola.

Para informações: (11)3101-8810 – contato@marxismo.org.br

Data das primeiras Plenárias:

- 24/Abril: Bauru-SP
- 26/Abril: Curitiba
- 1º/Maio: São Paulo
- 09/Maio: Recife
- 12/Maio: Maceió
- 16/Maio: Rio de Janeiro

DN mantém PT submisso ao Planalto

Resolução aprovada no Diretório Nacional do PT apóia toda a política do Governo de Coalizão.

José Carlos Miranda

miranda13633@uol.com.br

Na reunião do Diretório Nacional do PT realizada em 10 de Fevereiro, foi aprovada uma resolução que fala muito, mas não diz nada, ou seja, mantém sem nenhuma vergonha a submissão do partido aos desígnios do Planalto. A resolução pede: “Aprofundar mudanças, embate ideológico”. Mas o que é isso?

Diante de uma crise sem precedentes o DN do PT constata o óbvio e tenta colocar panos quentes nas medidas que ainda não surtiram efeitos para conter a crise (como se isso fosse possível) do Governo Lula.

Depois de discorrer sobre os efeitos da crise nos países em volta do mundo repetindo o que a imprensa burguesa tem reproduzido no último período, lá pelas tantas a resolução começa a explicar a receita para enfrentar a crise:

“As medidas adotadas pelo Governo Lula para enfrentar a crise estão no rumo certo: mais investimento público, mais mercado interno, mais Estado e mais integração continental. É o caso da redução da vulnerabilidade externa da economia, da criação de bases

sólidas para a elevação do ritmo de crescimento econômico, da consolidação da estabilidade macroeconômica e dos significativos avanços na distribuição da renda e na ampliação do mercado interno, mediante o aumento do emprego, a elevação do salário real e os programas de transferência de renda.”

Poderíamos perguntar aos redatores da resolução, em que mundo eles vivem?!

Apenas 2 meses depois de aprovada esta resolução a produção industrial cai pelo quarto mês consecutivo. A Embraer recebe 600 milhões do BNDES para demitir 4.200 funcionários!

A projeção do PIB brasileiro, segundo instituições financeiras (FSP 13/04), deve retrair 0,3%, segundo os economistas isso significa uma recessão técnica!

E o que prevê e propõe a resolução:

“A grave crise econômica atual, além de agravar a crise social e alimentar já antes dramática em várias partes do mundo, vem se somar à intensa crise ambiental para a qual o capitalismo não consegue dar resposta. Estamos diante de uma crise do sistema capitalista como um todo, na forma neoliberal que assumiu nos últimos trinta anos.”

Crise do modo neoliberal? Essa frase demonstra a crença em outro capitalismo que não seja “neoliberal” e a estratégia para outro capitalismo no Brasil vem mais abaixo no texto:

“Queremos um desenvolvimentismo popular, que exigirá aprofundar o que foi feito nos últimos anos, com destaque para as reformas tributária, política, urbana, agrária, o apoio à pequena e média empresa e a democratização da comunicação social, entre outras medidas.”

A criatividade é realmente de chorar. O que significa “desenvolvimentismo popular”: capitalismo popular, capitalismo humano, a continuidade do “Compre! Compre!”. Criar um mercado interno de massas como na Europa ou EUA, com aumento da bolha de crédito e confiança no futuro e que Deus nos ajude?! Quanta sapiência e sabedoria para enfrentar a crise!

Mas a resolução propõe: “O PT, nos estados e em cada cidade, deve estar presente na luta dos trabalhadores contra as demissões e reafirmar sua histórica solidariedade com o movimento sindical.”

Com quais reivindicações, qual a palavra de ordem para os militantes

do PT? Qual eixo político para realizar manifestações? Qual orientação?

“Desenvolvimentismo popular”, “Viva o Governo Lula”... Finalmente nenhuma palavra sobre as greves gerais na França, na Itália, na Grécia, as mobilizações na Alemanha e na Ásia.

Como fazer embate ideológico com “desenvolvimentismo popular”, manter a base aliada (PMDB, PP, PR, PTB, Collor, Sarney etc.)?

Aprofundar mudanças?! Quais? A única que o texto propõe é baixar os juros... Quanta criatividade!

Desgraçadamente a resolução do DN é uma puxação de saco deslavada do Governo de coalizão com a direita!

Nenhuma demissão e repetir a palavra de ordem da manifestação de São Paulo do dia 30 de março: “1,2,3,4 5 mil ou param as demissões ou paramos o Brasil!”

Para se ligar novamente com a nossa base social e com a luta pelo socialismo é necessário que o PT grite bem alto:

É hora de lutar! É hora de dizer bem alto que o capitalismo falhou! É hora de virar a esquerda e reatar com o Socialismo!

Contra as demissões: Construir a Greve Geral

Em cada local de trabalho e nas assembléias que elegerão delegados ao Congresso da CUT, este é o centro da discussão!

Severino Nascimento "Faustão"

faustaope@gmail.com

Os capitalistas querem jogar a conta dessa brutal crise econômica nas costas da classe trabalhadora, retirando direitos trabalhistas e jogando milhões no desemprego. Já são quase 1 milhão de trabalhadores demitidos desde novembro de 2008. A "marolinha" chegou e suas vítimas são proporcionais a um tsunami.

Em dezembro de 2008 a direção nacional ampliada da CUT se reuniu após a Marcha das Centrais Sindicais. No centro dos debates estava a crise e que nós, classe trabalhadora, não irí-

amos pagar por ela. Muito bem. Mas quais seriam as propostas concretas, as reivindicações ao governo, para que os trabalhadores não fossem prejudicados pela crise?

Eu, como militante operário da Esquerda Marxista, fiz uma proposta: uma campanha para que Lula baixe uma medida provisória (MP) que proíba qualquer demissão e que a empresa que demitir deva ser estatizada. No entanto, a maioria da direção da CUT não quis aprovar essa campanha e jogou a discussão para a Executiva Nacional da central. Infelizmente não estamos na Executiva e a proposta foi esquecida. Enquanto isso, as demissões continuaram avançando.

Desde lá foram 102 mil vagas a menos só em janeiro, a demissão de 4.270 trabalhadores da Embraer em fevereiro. O ministro do trabalho e emprego, Carlos Lupi, comemorou o saldo positivo no número de empregos em fevereiro, mas ele se esqueceu de analisar de perto os números e explicar que apesar de ter havido um

crescimento nos setores de comércio, serviços, agropecuária e administração pública, o número de empregados na indústria diminuiu: foram 53 mil vagas a menos no setor industrial.

A crise avança e temos que dar uma resposta agora! A mobilização unificada no dia 30/03 foi um começo (ver mais na pág. 6), mas é preciso mais, é preciso organizar desde a base os trabalhadores para construir uma poderosa greve geral. Na França foi dado o exemplo, greve geral com 3 milhões nas ruas. É isso que a CUT deve se jogar a construir no Brasil.

Passou da hora da proposta que fizemos em Dezembro ser colocada em prática. Uma intensa campanha para cobrar de Lula uma MP contra as demissões. Se a direção da entidade não quer levá-la à frente, vamos desfender a proposta em cada Congresso Estadual da CUT, para ser aprovada pelo 10º Congresso Nacional da entidade. A CUT é a maior central do país, que os trabalhadores reconhecem como seu instrumento de luta, se

sua direção se coloca a mobilizar os trabalhadores, com propostas concretas, sem dúvida, esse gigante que é o proletariado brasileiro vai despertar e ir pra cima da burguesia.

A CUT precisa cobrar de Lula que rompa com os capitalistas e atenda as reivindicações dos trabalhadores. As bondades para os empresários e banqueiros são anunciadas dia a dia. Não elegemos Lula para resguardar o sagrado direito dos poderosos manterem seus lucros, Lula foi eleito para melhorar a qualidade de vida do povo trabalhador, o que é impossível de ser realizado com uma massa crescente de desempregados.

Batalhando contra as demissões, explicaremos pacientemente que a única saída que nos interessa nessa crise, é a transformação de toda a sociedade. A crise é própria do capitalismo e é contra esse sistema apodrecido que temos que lutar, abrindo as portas para uma sociedade sem exploração e sem miséria. Uma sociedade socialista!

Primeira Conferência Sindical da Esquerda Marxista foi uma grande vitória!



Sindicalistas comemoram ao final da Conferência em São Paulo

No dia 21 de Março, em São Paulo, ocorreu a 1ª Conferência Sindical da Esquerda Marxista, onde tivemos a participação de militantes sindicais de todo o Brasil, de várias categorias como Metalúrgicos, Químicos, Ferroviários, Setor de Alimentação, Servidores Públicos, Trabalhadores da Cultura.

A grande discussão foi sem dúvida a crise econômica mundial e suas consequências para os trabalhadores. Foi um debate muito importante onde os presentes colocaram as suas preocupações e alternativas, dentre elas a necessidade da CUT organizar uma grande mobilização frente ao Governo e os patrões, na linha de exigir do Lula uma MP (Medida Provisória) que proíba as demissões.

Todos estão cientes que a crise é do sistema capitalista, porém não somos nós que devemos pagar por ela, neste sentido é chegada a hora das direções do movimento operário fazerem uma reflexão e organizar um combate duro

frente aos capitalistas de plantão.

Neste sentido, este ano vamos ter o 10º Concut (Congresso Nacional da CUT) onde vai ser um espaço privilegiado, para fazermos um bom debate e refletirmos sobre a situação atual na ótica dos trabalhadores. Por isso é chegada a hora de ajudarmos a classe operária brasileira a se preparar para garantirmos os nossos direitos e empregos. E só existe um caminho: é a luta e a mobilização de todos(as) frente aos ataques da burguesia.

Portanto nessa conferência, foi aprovada por unanimidade várias propostas que expressam a necessidade de organizarmos o combate para vencermos os desafios colocados pelo sistema capitalista. E essas propostas, devem ser apreciadas e votadas em todos os CUTs. A hora é de lutar e dizer não às demissões. É responsabilidade da CUT convocar esse Gigante que é o proletariado brasileiro para derrotar o sistema capitalista e seguir rumo ao socialismo.

Escândalo no Encontro de Estudantes do PT

Ameaças de agressão e métodos stalinistas tentam intimidar a luta por direitos iguais para todos.

Comitê Nacional da JR
contato@revolucao.org

No ENEPT (Encontro Nacional de Estudantes do PT) realizado nos dias 23 e 24 de Março em Carapicuíba, na região metropolitana de São Paulo, um episódio fez lembrar os métodos fascistas e stalinistas de combater divergências políticas, o militante da Juventude Revolução (organização de jovens da Esquerda Marxista), Fábio Ramirez, foi ameaçado de agressão e insultado de racista.

O motivo: estava junto com o restante da delegação da JR combatendo por vagas para todos nas universidades públicas, e, portanto, contra as cotas raciais que ameaçam dividir o país em “raças” jogando um jovem contra o outro na disputa das poucas vagas nas universidades. A política de cotas não cria uma única vaga, quer apenas dividir as existentes. Nós da JR defendemos a bandeira histórica de fundação da UNE, UBES e do PT, que é defender a universalização do ensino superior público, gratuito e de qualidade.

Durante todo o encontro o clima era tenso, e os militantes da JR por diversas vezes se encontravam na situação de – sozinhos – enfrentarem todas as outras forças políticas do PT. Mas a política revolucionária ecoa como um grito no silêncio, e a tese da Juventude Revolução, centrada no combate pelo socialismo como saída da crise, na ruptura da coalizão do governo com a burguesia, contra a divisão racial e por direitos para todos, começou a repercutir entre a base do encontro, e isso incomodou muito os dirigentes das forças políticas – a maioria com cargos comissionados em gabinetes de parlamentares petistas.

O fato é que na madrugada do dia 23 para o dia 24, quando todos ainda estavam acordados na sistematização das propostas, o camarada Fábio Ramirez foi encurralado por seis militantes petistas, que o empurraram e o ameaçaram com o dedo em seu rosto dizendo “se vocês continuarem levando à frente essa discussão contra as cotas, nós vamos acabar com você (...) vamos te pegar lá fora (...) seu

racista, no PT não pode ter racista, e nós vamos exterminar todos os racistas do PT”.

CADÊ A ESQUERDA DO PT?

Mesmo diante das ameaças, no dia seguinte os camaradas da JR levaram até o fim a luta por direitos para todos. As outras correntes políticas presentes



Fábio Ramirez foi encurralado por seis militantes petistas, que o empurraram e o ameaçaram com o dedo em seu rosto dizendo ‘se vocês continuarem levando à frente essa discussão contra as cotas, nós vamos acabar com você (...) vamos te pegar lá fora (...) seu racista!’



- CNB (Articulação), DS (Kizomba), MAIS (Mudança), AE (Reconquistar a UNE) e MPT - apresentaram ao plenário uma resolução que defendia a política do governo Lula de cabo a rabo, afirmando que a saída da crise é reduzir os juros, defendendo as cotas, o PROUNI e o FIES que destinam dinheiro público aos empresários da educação. Também defenderam o REUNI que incha as universidades de alunos sem investir em patrimônio e profissionais na mesma proporção, derrubando a qualidade de ensino, e defenderam explicitamente as alianças do governo com partidos da burguesia. Já a tendência O Trabalho não se posicionou na discussão, não combateu, não apresentou nenhuma proposta, jogando mais água no moinho das correntes governistas.

Já os camaradas da JR apresentaram uma contraproposta centrada na luta pela revolução socialista e ruptura com a burguesia, contra as cotas, por vagas para todos os estudantes independentemente de sua cor da pele, e em defesa da

educação pública contra o PROUNI e o REUNI, por mais verbas para a universidade pública, com assistência estudantil plena.

A intervenção da JR foi muito aplaudida pelo plenário, e na hora de votar a mesa do encontro cancela a votação. Durante o encontro várias vezes as regras foram mudadas, de acordo com o interesse das grandes correntes do PT em tentar neutralizar a política revolucionária da Esquerda Marxista.

Mas no final do encontro mais uma amostra do desespero e da política fascista dos dirigentes das correntes do PT, a JN13 (Juventude Negra 13 – agrupamento de petistas que diz combater o racismo) apresenta ao plenário uma nota de repúdio, em que diz que todos os petistas contrários às cotas são racistas e também condena o MNS (Movimento Negro Socialista)! A mesa nem dá tempo para o plenário questionar a moção e a considera aprovada por aclamação, mesmo com reclamações e com delegados achando um absurdo a moção. A mesa se nega a abrir para intervenções e questões de ordem. Realmente métodos que estão muito distantes da democracia operária. Por esses métodos, a Juventude Revolução considera inválido esse encontro, e não

reconhece nenhuma resolução aprovada.

No encerramento do encontro, a JN13 ainda fez um ato novamente dizendo que todos os petistas contrários às cotas são racistas. Nesse ato defenderam ainda o mal denominado “Estatuto da Igualdade Racial” que pretende impor documentos de identidade racial aos cidadãos brasileiros! Neste ato, todas as correntes do PT se unificaram – até mesmo a corrente O Trabalho!

Este ENEPT passou longe da juventude trabalhadora deste país. Em qualquer fábrica ou escola, basta perguntar aos trabalhadores e jovens, independente da cor da pele de cada um, o que acham de terem direitos diferentes de acordo com a cor da pele todos se colocarão contra. Mas aqueles assessores de parlamentares travestidos de estudantes no ENEPT não costumam passar perto de fábricas ou mesmo escolas para fazer esta discussão. De nossa parte, seguiremos firmes no combate por igualdade, contra o racismo, por vagas para todos na universidade pública, e contra a divisão racial do país. Continuaremos nossa luta ombro a ombro com os trabalhadores e a juventude para derrubar o capitalismo e construir uma sociedade socialista!



Militantes da JR se confraternizam com operários durante ato unificado em São Paulo

Fim do vestibular de verdade, só com vagas para todos!

O dito “fim do vestibular” anunciado pelo Ministro da Educação, Fernando Haddad, e apoiado fervorosamente pela UNE e UBES, não passa de uma fraude. A luta pela universalização do acesso ao ensino superior público continua.



Bons tempos em que a UNE reivindicava vagas para todos nas universidades públicas

Fábio Ramirez

fabioramirez.com@gmail.com

No projeto apresentado pelo governo, o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) se tornaria o exame substituto ao vestibular em todas as universidades federais. Em vez dos alunos prestarem uma prova específica da instituição no qual almejam estudar, prestaria o ENEM.

Assim, o governo anuncia o fim das provas locais de seleção como sendo o fim do vestibular, mas “esquece” de avisar aos jovens que o funil continuará existindo porque não está se criando uma só nova vaga! “Esquece” de avisar aos jovens que a maioria esmagadora deles continuará fora da universidade.

O VESTIBULAR VAI ACABAR?

Na prática o vestibular não irá acabar e em vez dos jovens serem barrados pelo dito vestibular, serão barrados agora pelo novo ENEM! Nada muda. Antes os cursinhos lucravam com a má qualidade do ensino fundamental e anunciavam na TV e no rádio orgulhosamente

os primeiros colocados no vestibular, e agora anunciarão os primeiros colocados no ENEM. Trocaram-se os nomes dos bois, de vestibular para ENEM, mas o boi não deixou de ser boi.

Toda a falácia do governo tem um objetivo: tentar amenizar a constante e crescente pressão por mais vagas na educação pública superior. O aumento de vagas nas universidades públicas é praticamente insignificante frente à imensidão do número de jovens que não estuda porque não tem vaga.

EM TEMPOS DE CRISE

Com a crise do capitalismo, o número de jovens sem poder cursar uma universidade tem se ampliado ainda mais. A inadimplência tem aumentado como fruto do aumento das mensalidades e do desemprego, e várias faculdades já decretam falência, mesmo recebendo generosos bônus financeiros do governo, através do FIES, PROUNI, e empréstimos. Cada vez mais jovens estão sem ter onde estudar, por isso o governo manobra criando uma falsa imagem de democratização ao acesso.

O MOVIMENTO ESTUDANTIL

A posição histórica do movimento estudantil é universalização do ensino público, com vagas para todos. Essa foi a bandeira que esteve na fundação da UNE e da UBES, e que levou milhares às ruas enfrentando governos autoritários, ditadura e repressão. A luta pelo livre acesso à universidade se confunde com a história das lutas estudantis no Brasil.

Mas hoje as direções da UNE e da UBES parecem ter perdido sua memória. Abaixaram a bandeira e passaram a sugerir somente algumas melhorias cá, outras lá, e depois aplaudir o governo. Assim foi com o anúncio do “fim do vestibular”. Imediatamente Lúcia Stumpf, presidente da UNE declara ao jornal O Globo: “É uma excelente ação que facilitaria o acesso aos vestibulandos (...) há muito tempo nós defendemos o fim do vestibular e a busca de um novo sistema de ingresso nas instituições federais”.



a culpa de só entrar alguns nas universidades públicas é da existência do capitalismo. É ele o responsável pela exclusão.



Já o presidente da UBES, Ismael Cardoso, depois de elogiar a atitude do governo em propor uma avaliação mais “justa” para substituir o vestibular, sugere uma precisão no programa, dizendo no site oficial da entidade que “outro ponto reprovado é o uso do ENEM como prova base para a unificação (...) será mantido o atual sistema de prova única (...) o melhor é aplicar o ENEM de maneira seriada, ou seja, no final de cada ano do Ensino Médio”. Mais uma vez uma discordância cá e outra lá, para não parecer que diz amém ao governo, e depois apoiar toda sua política.

A VERDADEIRA LUTA É POR VAGAS PARA TODOS

Desde o Ministro, passando pela direção da UNE, da UBES, até algumas correntes de esquerda, todos estão de acordo em criar uma nova prova. Traduzindo: trocar o nome de vestibular, porque este já está queimado demais, por outro funil com outro nome. Nenhum deles discute qual o verdadeiro problema: a falta de vagas no ensino público!

O problema é que não há vagas para todos! Neste momento o papel central da UNE e da UBES deveria ser o de mobilizar os estudantes para pressionar o governo pelo fim do vestibular com vagas para todos nas públicas. Retomando a bandeira histórica de universalização.

Se tivéssemos vagas para todos não precisaríamos discutir PROUNI, FIES, cotas e tantos outros programas que ao fim beneficiam os empresários da educação. Ampliação e construção de mais universidades públicas já! Essa deveria ser a declaração do movimento estudantil.

O CAPITALISMO E A EXCLUSÃO

A imensa maioria fica de fora da universidade, e continuará ficando na nova proposta do governo. O capitalismo busca de todas as formas culpar o indivíduo, busca acusar o jovem que não conseguiu entrar no funil de ser incompetente, menos capaz. Quando na realidade a culpa de só entrar alguns nas universidades públicas é da existência do capitalismo. É ele o responsável pela exclusão. Lutemos então pelo socialismo, por vagas para todos nas universidades públicas já!

Dinheiro para construção de universidades existe, não para um futuro longínquo, mas para já. Basta o governo romper a coalizão com a burguesia e destinar o dinheiro público para o povo, como os 185 Bilhões pagos de juros da dívida em 2008 e os mais de 200 bilhões dados para os empresários enfrentarem a crise!

Abaixo a Rouanet ê ê ê ê!

Em São Paulo, mobilizações contra a privatização da cultura voltam a se radicalizar e colocam em pauta as políticas públicas para a cultura em todo o país.

Fábio Salem Daie

f.salemdaie@gmail.com

Na madrugada do dia 26 para o dia 27 de março de 2009, dia Mundial do Teatro e Dia Nacional do Circo, cerca de 300 trabalhadores da cultura (atrizes, atores, diretores, figurinistas, musicistas, etc.), organizados no Movimento 27 de Março, ocuparam a sede paulista da Fundação Nacional das Artes (Funarte), no centro da cidade de São Paulo.

Na Carta Aberta ao Ministério da Cultura, redigida pelos ocupantes, podemos ler:

“O que é a renúncia ou incentivo fiscal? É Imposto de Renda, dinheiro público que o governo entrega aos gerentes de marketing das grandes empresas. Destina-se ao marketing das mesmas e não à cultura. É o discurso que atrela a cultura ao mercado que permite esse desvio absurdo: o dinheiro público vai para o negócio privado que não produz cultura e o governo transfere suas funções para o gerente da grande corporação. Diminuir a porcentagem dessa transferência ou criar normas pretensamente moralizadoras não muda a natureza do roubo e da omissão do governante no exercício de suas obrigações constitucionais. Não se trata de maquiar a Lei Rouanet (incentivo fiscal); trata-se de acabar com ela em nome da cultura, do direito e do interesse público, garantindo-se que o mesmo dinheiro seja aplicado diretamente na cultura de forma pública e democrática.”

E mais à frente segue:

“Por isso, além do FNC [Fundo Nacional de Cultura], exigimos uma política pública para a cultura que contemple vários programas (e não um único discurso mercantil), com recursos orçamentários e regras democráticas, estabelecidos em lei como política de Estado para que todos os governos cumpram seu papel de Poder Executivo.

É esse diálogo que os Senhores se negam, sistematicamente, a fazer enquanto se dizem

abertos ao debate. Debate do quê? Do incentivo fiscal. Mas nos recusamos a compartilhar qualquer discussão para maquiar a fraude chamada Lei Rouanet.

Queremos discutir o Fundo. Mas queremos, também, discutir outros programas e oferecemos, novamente, o projeto de criação do Prêmio Teatro Brasileiro como um ponto de partida. Os Senhores estão abertos a este diálogo?”

UMA LUTA QUE TEM HISTÓRIA

Apesar do Movimento 27 de Março ter recebido este nome recentemente, de certa forma é continuador de movimentos predecessores, como o “Arte Contra a Barbárie”, que entre 1998 e 2002, também em São Paulo, retomou a defesa por políticas públicas para a cultura em oposição às políticas de privatizações, aprofundadas por Collor, FHC e hoje continuadas no governo Lula.



É urgente uma ampla campanha dos sindicatos e movimentos sociais para dar fim à Lei Rouanet!



Naquela ocasião, o movimento cresceu muito na cidade e se concentrou em reivindicar a aprovação de uma lei municipal que garantisse recursos públicos do município para a pesquisa e produção de teatro. Aprovada a lei, o “Arte Contra a Barbárie” esmoreceu e a maioria dos grupos teatrais e trabalhadores da cultura se envolveu numa fiscalização constante para o cumprimento da mesma. Mas, hoje, depois de sete anos de experiência com a Lei Municipal de Fomento ao Teatro, está cada vez mais claro que não basta construir “ilhas de resistência”: uma conquista isolada tende a regredir se não for expandida para outras áreas e pessoas. Com o mar bravo do Capital essas “ilhas” tendem a afundar. A luta deve ser permanente para ampliá-las, conectá-las umas às outras. Só assim a realização de uma sociedade mais igualitária será possível.

O Movimento começa a tomar consciência disso e busca o apoio de outros movimentos e setores da classe trabalhadora. No dia da ocupação estavam presentes militantes do MST, do Movimento das Fábricas Ocupadas e do Movimento Estudantil. Assim que o prédio foi ocupado e a carta-aberta divulgada, os manifestantes receberam mensagens de apoio de sindicatos, organizações de juventude, parlamentares e organizações políticas.

Após quase 24 horas de mobilização contínua e mais de sete horas de ocupação, representantes do MinC foram até a Funarte e se dispuseram a uma agenda de negociações. Estas já começaram, embora não haja ilusões, por parte dos trabalhadores da cultura, quanto à dimensão das mudanças imediatas nas políticas públicas para cultura.

HÁ SAÍDA!

Nas palavras do próprio movimento: *“Pois bem, senhores, apesar do mercado, nós existimos. Somos nós que fazemos teatro, mas estamos condenados: não queremos e não podemos fabricar lucros. Não é essa a nossa função, não é esse o papel do teatro ou da cultura. Nós produzimos linguagens, alimentamos o imaginário e sonhos do que muitos chamam de povo ou nação; nós trabalhamos com o humano e a construção da humanidade. E isso não cabe em seu estreito mundo mercantil, em sua Lei Rouanet e seu programa único.”*



Situação tensa entre manifestantes e policiais momentos depois da ocupação do prédio



O ator Osvaldo Pinheiro no ato do dia 26

A ocupação da Funarte trouxe vitórias. Além do movimento ter sido recebido pelo governo, fez sua causa repercutir. Mas somente isso não basta. Isolado, o movimento não poderá avançar. Isolado, as pressões são enormes para fazê-lo recuar e ceder diante do governo e da classe dirigente do país. Atualmente, discute-se a adoção de uma campanha com abaixo-assinado. Isso poderá ampliar o apoio ao movimento e dar-lhe mais força. Entretanto, enquanto as organizações de massas da classe trabalhadora não compreenderem a bandeira por políticas públicas para a cultura como sua bandeira, o Governo continuará fiel aos interesses dos bancos e grandes empresas que fazem do chamado “incentivo à cultura” seu programa de marketing.

É urgente uma ampla campanha dos sindicatos e movimentos sociais para dar fim à Lei Rouanet e a qualquer lei de incentivo/renúncia fiscal. Levantar essa discussão em cada assembléia, em cada congresso sindical é a tarefa dos revolucionários.

35 anos da Revolução dos Cravos

A Revolução em Portugal: A derrubada da Ditadura e o movimento dos trabalhadores

Reproduzimos aqui trechos de um texto do camarada Ted Grant, escrito em Maio de 1975. O texto integral pode ser lido em nosso site na internet.

Depois de aproximadamente 25 anos de ditadura fascista, a revolução em Portugal abriu uma nova etapa da revolução europeia e mundial. O regime estava tão apodrecido que, de fato, foi uma revolução sem derramamento de sangue.

Tendo sido iniciada como um pronunciamento ou golpe militar, demonstrou que existem reservas inesgotáveis de força e resistência nas fileiras da classe trabalhadora, devido ao seu papel na sociedade.

A interminável guerra colonial na África minou o exército de Portugal. Apenas a burguesia se beneficiava da sangrenta desordem.

No momento do golpe de 25 de abril de 1974, o único setor do aparato do estado em que o regime podia confiar era a polícia secreta.

As condições assinaladas por Lênin e Trotsky para o desenvolvimento da revolução tinham chegado nos meses anteriores ao colapso do regime: greves massivas do proletariado, apesar de sua ilegalidade, particularmente em Lisboa; descontentamento dos camponeses e da pequena burguesia; agitações entre os estudantes e a tentativa da classe dominante para se salvar através de “reformas” insignificantes que agravavam ainda mais a situação.

Todas as condições para uma explosão estavam amadurecendo. Mas a peculiaridade da revolução portuguesa, foi que, em suas primeiras etapas, esteve dirigida por oficiais de baixo e médio escalão e, o que é mais significativo, em todos os setores das forças armadas: exército, mar e ar.

A derrubada de Caetano precipitou o movimento imediato das massas e a intervenção do jovem proletariado português. Se os soviets não

foram formados, foi devido à política dos dirigentes do Partido Comunista e do Partido Socialista. O MFA (Movimento das Forças Armadas) defendia vagamente alguma forma de “democracia” – democracia burguesa – e, de fato, não tinha um programa claro.

O movimento das massas produziu a confraternização com a base das forças armadas que eram trabalhadores e camponeses uniformizados. Os soldados apoiavam as idéias do socialismo e começaram a se apresentar abertamente como militantes do PSP e do PCP – inclusive uma minoria aderiu às seitas ultra-esquerdistas.

O movimento das massas produziu a confraternização com a base das forças armadas que eram trabalhadores e camponeses uniformizados. Os soldados apoiavam as idéias do socialismo

Se existisse um partido revolucionário de massas, teria sido inteiramente possível organizar soviets e o proletariado poderia ter tomado o poder rapidamente e sem esforço. Não existiam forças que pudessem se opor.

Se, como Marx e Lênin tinham explicado, o poder do estado se reduz ao controle de corpos de homens armados, então a decadência do regime português se mostra em toda sua nudez. A burguesia apostou tudo na última carta da repressão feroz e totalitária das massas. Mais de duas gerações sofreram suas conseqüências e a burguesia também perdeu o apoio da classe média.

O fato do MFA ter escolhido Spínola para presidente é uma indicação de sua ingenuidade. Spínola calculava que a revolução se acalmaria e

que poderia manipular o MFA – um movimento da casta de oficiais.

Spínola se preparou para deter o fluxo da revolução, e não tinha alternativa à formação de um governo de coalizão ou de frente popular, com os liberais em posição dominante e com o PCP e o PSP.

Os dirigentes do PCP e PSP tentaram conter os trabalhadores. Os stalinistas argumentavam que as greves provocariam a “reação”. As concessões arrancadas dos monopólios na forma de salários mais altos eram, segundo eles, um “complô” para destruir a revolução.

Depois de tentar se livrar das forças armadas, Spínola usou a sua posição de presidente para iniciar uma campanha bonapartista. Tudo preparava o golpe. Nesse momento, Spínola se deu conta de que não contava com uma força real em que confiar. Ao ver fracassado o seu objetivo, se demitiu.

Assim, a revolução recebeu um novo impulso em direção à esquerda.

Agora, a casta de oficiais deste governo semi-bonapartista – com o poder real nas mãos do MFA – começou a estudar o terreno para institucionalizar o Conselho da Revolução e, deste modo, ter o controle permanente ou quase permanente do estado e do país. Os dirigentes do PSP e do PCP os defenderam.

Em fevereiro, o governo aprovou o “Plano Econômico Trienal” em que se via a mão dos ministros do PCP e do PSP, já que os oficiais não se consideravam especialistas em economia. Que paródia mais miserável e travestida! Era menos radical que as medidas do pós-guerra na França e Itália.

Os trabalhadores dos bancos ocuparam os bancos e se negaram a abri-los até que fossem nacionalizados! Os soldados anunciaram a nacionalização dos bancos com compensação apenas para os pequenos acionistas que de outra forma se veriam prejudicados. Isto aconteceu no terceiro dia da ocupação. Depois os traba-

lhadores das companhias de seguros seguiram o exemplo e ocuparam as empresas exigindo a sua nacionalização. Foi nesse momento que o MFA declarou que o objetivo da revolução post factum era o “socialismo”!

A maior parte da indústria e da terra – mais de 75% – estava agora nacionalizada.

Com a revolução em seu ponto de ebulição, com a autoridade dos empresários minada, com uma situação social e política indefinida, a reação não podia esperar as eleições. Sabia que as massas rechaçariam o capitalismo.

Em de março de 1975, Spínola, decidiu, provavelmente depois de consultar seus aliados da OTAN, que tinha chegado o momento de acabar de uma vez por todas com a revolução.

Mas ao se produzirem manifestações de massas dos trabalhadores, as forças do contragolpe se dispersaram. Spínola e sua camarilha fugiram para a Espanha. O golpe se evaporou em minutos. Foi talvez a tentativa de contra-revolução mais ridícula e cômica da história.

O povo português tinha vomitado o fascismo que ele identificava com a ditadura do capital. Esta é a verdadeira explicação do fracasso. As massas querem o socialismo, mas o querem livre e democrático.



45 anos do golpe militar de 1964

1ª. Parte

Como a suposta imprensa democrática da burguesia festejou a chegada da ditadura no Brasil.



Capa do Jornal O Globo logo após o golpe de 64

Serge Goulart

sergegoulart@marxismo.org.br

A leitura das manchetes dos jornais burgueses, em 1º de Abril de 1964 e nos dias seguintes, mostra a alma de classe dos órgãos de imprensa que se pretendem “democráticos”. Saudando com alegria nervosa e noticiando de maneira mentirosa (e não só porque era o dia da mentira, pois no dia 2 e depois, seguem fazendo o mesmo), os jornais capitalistas mostravam uma ditadura sangrenta e vende-pátria como a “salvação do Brasil e da democracia contra a ameaça do comunismo”.

As lutas operárias, populares e estudantis foram esmagadas e um véu negro desceu sobre o Brasil por cerca de 20 anos.

Em 31 de Março de 2009 fez 45 anos que se instalou a ditadura militar que governou com a espada e o terror a serviço das multinacionais e do capital financeiro. Foram 20 anos

de conluio com as outras ditaduras sangrentas da América Latina em coordenação com os governos Democratas e Republicanos dos EUA.

Para ajudar as novas gerações a compreender o caráter de classe da imprensa e fazer corar de vergonha e ódio de classe aqueles militantes que viram seus dirigentes ir chorar no velório de Roberto Marinho, dono das Organizações Globo, publicamos a seguir trechos de uma excelente seleção dos principais jornais do Brasil nos dias em que os tanques ocupavam as ruas, as botas esmagavam e o fuzil impunha sua lei sobre tudo. Inclusive sobre os pretensos princípios democráticos da própria burguesia.

As principais manchetes e suas mentiras evidentes sobre o apoio popular (na verdade os partidos burgueses, a Igreja Católica e a TFP) denunciam os conspiradores fascistas. Esta excelente compilação histórica foi publicada no blog “BrHistória”, da jornalista Cristiane Costa:

“Desde ontem se instalou no País a verdadeira legalidade ... Legalidade que o caudilho não quis preservar, violando-a no que de mais fundamental ela tem: a disciplina e a hierarquia militares. A legalidade está conosco e não com o caudilho aliado dos comunistas.” (Editorial do Jornal do Brasil - Rio de Janeiro - 1º de abril de 1964)

“Multidões em júbilo na Praça da Liberdade. Ovacionados o governador do estado e chefes militares. O ponto culminante das comemorações que ontem fizeram em Belo Horizonte, pela vitória do movimento pela paz e pela democracia foi, sem dúvida, a concentração popular defronte ao Palácio da Liberdade. Toda área localizada em frente à sede do governo mineiro foi totalmente tomada por enorme multidão, que ali acorreu para festejar o êxito da campanha deflagrada em Minas (...), formando uma das maiores massas humanas já vistas na cidade.” (O Estado de Minas - Belo Horizonte - 2 de abril de 1964)

“Salvos da comunização que celeremente se preparava, os brasileiros devem agradecer aos bravos militares que os protegeram de seus inimigos. Este não foi um movimento partidário. Dele participaram todos os setores conscientes da vida política brasileira, pois a ninguém escapava o significado das manobras presidenciais.” (O Globo - Rio de Janeiro - 2 de abril de 1964)

“A população de Copacabana saiu às ruas, em verdadeiro carnaval, saudando as tropas do Exército. Chuvas de papéis picados caíam das janelas dos

edifícios enquanto o povo dava vazão, nas ruas, ao seu contentamento.” (O Dia - Rio de Janeiro - 2 de abril de 1964)

“Escorraçado, amordaçado e acovardado, deixou o poder como imperativo de legítima vontade popular o Sr. João Belchior Marques Goulart, infame líder dos comuno-carreiristas-negocistas-sindicalistas. Um dos maiores gatunos que a história brasileira já registrou, o Sr. João Goulart passa outra vez à história, agora também como um dos grandes covardes que ela já conheceu”. (Tribuna da Imprensa - Rio de Janeiro - 2 de abril de 1964)

“Ressurge a Democracia! Vive a Nação dias gloriosos. Porque souberam unir-se todos os patriotas, independentemente das vinculações políticas simpáticas ou opinião sobre problemas isolados, para salvar o que é de essencial: a democracia, a lei e a ordem. Graças à decisão e ao heroísmo das Forças Armadas que, obedientes a seus chefes, demonstraram a falta de visão dos que tentavam destruir a hierarquia e a disciplina, o Brasil livrou-se do governo irresponsável, que insistia em arrastá-lo para rumos contrários à sua vocação e tradições.” (O Globo - Rio de Janeiro - 4 de Abril de 1964)

“Milhares de pessoas compareceram, ontem, às solenidades que marcaram a posse do marechal Humberto Castelo Branco na Presidência da República ... O ato de posse do presidente Castelo Branco revestiu-se do mais alto sentido democrático, tal o apoio que obteve”. (Correio Braziliense - Brasília - 16 de abril de 1964)

Manchetes de abril

**SÓ HÁ UMA COISA A DIZER
A GOULART: SAIA!**

Correio da Manhã (Rio), dia 1º

**ADHEMAR: 6 ESTADOS
SUBLEVAM-SE PARA
DERRUBAR GOULART**

Folha de S. Paulo, dia 1º

**DEMOCRATAS DOMINAM
TODA A NAÇÃO**

O Estado de S. Paulo, dia 2

**LACERDA ANUNCIA VOLTA
DO PAÍS À DEMOCRACIA**

Correio da Manhã, dia 2

**MULTIDÕES EM JÚBILO
NA PRAÇA DA LIBERDADE**

O Estado de Minas, dia 2



"[...] um governo sério, responsável, respeitável e com indiscutível apoio popular, está levando o Brasil pelos seguros caminhos do desenvolvimento com justiça social - realidade que nenhum brasileiro lúcido pode negar, e que o mundo todo reconhece e proclama [...]". (Editorial da Folha de São Paulo por Octavio Frias de Oliveira - 22 de setembro de 1971)

"Vive o País, há nove anos, um desses períodos férteis em programas e inspirações, graças à transposição do desejo para a vontade de crescer e afirmar-se. Negue-se tudo a essa revolução

brasileira, menos que ela não moveu o País, com o apoio de todas as classes representativas, numa direção que já a destaca entre as nações com parcela maior de responsabilidades". (Editorial do Jornal do Brasil - Rio de Janeiro - 31 de março de 1973)

"Golpe? É crime só punível pela deposição pura e simples do Presidente. Atentar contra a Federação é crime de lesa-pátria. Aqui acusamos o Sr. João Goulart de crime de lesa-pátria. Jogou-nos na luta fratricida, desordem social e corrupção generalizada". (Jornal do Brasil, edição de 1º de abril de 1964.)

"Participamos da Revolução de 1964 identificados com os anseios nacionais de preservação das instituições democráticas, ameaçadas pela radicalização ideológica, greves, desordem social e corrupção generalizada".

(Editorial do jornalista Roberto Marinho, publicado no jornal O Globo, edição de 7 de outubro de 1984, sob o título: "Julgamento da Revolução").

Preparando a 4ª reunião nacional e o ato público em São Paulo

Coordenação Nacional do MNS

contato@mns.org.br

Desde o ano passado, a Coordenação Nacional do Movimento Negro Socialista iniciou a organização da 4ª Reunião Nacional do MNS. Nesta reunião discutiremos um balanço do movimento e os próximos passos na luta.

Neste momento de recrudescimento da crise, o Governo e a bancada racialisista no Senado e na Câmara estão pressionando para a votação das leis raciais: o estatuto da igualdade racial e a lei de cotas raciais. Mais do que nunca é necessário ampliar e aprofundar a discussão em todas as entidades e movimentos que participamos com o objetivo de fortalecer ainda mais a rejeição a estas políticas que só visam dividir o povo trabalhador e isentar os governos de suas responsabilidades com os serviços públicos - em especial educação e saúde.

Ressaltamos que em todos os lugares onde conseguimos realizar estas discussões cada vez é maior o apoio à luta que o MNS vem impulsionando contra as leis raciais. No final do ano passado, nossos apoiadores em Santa Catarina conseguiram mais uma vitória parcial: o Tribunal Federal condenou as cotas raciais no vestibular da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) rejeitando a fundamentação de “raças humanas”, inclusive citando trechos do livro “Divisões Perigosas” cujos coordenadores do MNS são co-autores.

Em várias regiões do Brasil apoiadores e militantes do MNS estão preparando reuniões para eleger as delegações à 4ª Reunião Nacional do MNS que se realizará em São Paulo no dia 16 de Maio. No momento em que a crise se aprofunda, “eles” usarão de todas as armas para dividir os trabalhadores. Nós sabemos que o racismo e o racialisismo são algumas de suas ideologias que têm essa função. Vamos continuar a luta para construir os núcleos do MNS junto à juventude e aos trabalhadores.

Participe do ato às 9h30m nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo!

**PARTICIPE
ATO**

ORGANIZAÇÃO:



**CONTRA O
RACISMO
E AS LEIS
RACIAIS**

**NAS ESCADARIAS DO
TEATRO MUNICIPAL
DE SÃO PAULO
16/MAIO/2009
9:30**



“ RACISMO E CAPITALISMO SÃO FACES DA MESMA MOEDA ”

www.mns.org.br